

1

Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo. Raramente se dão ao trabalho de prestar contas quando erram. Quando o fazem não é decerto com a ênfase e o destaque conferidos às poucas previsões que acertam.

Marcelo Leite, **Folha de S. Paulo**.

- a) Reescreva o trecho “*Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo*”, iniciando-o com “*Embora os jornalistas...*”
- b) No trecho “*Quando o fazem não é decerto com a ênfase (...)*”, a que idéia se refere o termo grifado?

Resolução

- a) “*Embora os jornalistas não deveriam fazer previsões, fazem-nas o tempo todo*”.
- b) O pronome demonstrativo *o* funciona como elemento de coesão, retomando a idéia de “*prestar contas quando erram*”.

2

Devemos misturar e alternar a solidão e a comunicação. Aquela nos incutirá o desejo do convívio social, esta, o desejo de nós mesmos; e uma será o remédio da outra: a solidão curará nossa aversão à multidão, a multidão, nosso tédio à solidão.

Sêneca, **Sobre a tranqüilidade da alma**. Trad. de J.R. Seabra Filho.

- a) Segundo Sêneca, a solidão e a comunicação devem ser vistas como complementares porque ambas satisfazem um mesmo desejo nosso. É correta essa interpretação do texto acima? Justifique sua resposta.
- b) “*(...) a solidão curará nossa aversão à multidão, a multidão, nosso tédio à solidão.*”

Sem prejuízo para o sentido original, reescreva o trecho acima, iniciando-o com “*Nossa aversão à multidão...*”

Resolução

- a) *Não, pois solidão e comunicação correspondem a diferentes desejos do ser humano: a solidão supre a necessidade de isolamento, a comunicação satisfaz nossa carência de relacionamento social.*
- b) *Nossa aversão à multidão será curada pela solidão; o tédio à solidão será curado pela multidão.*

Em janeiro de 1935, um grupo de turistas pernambucanos passeava de carro quando deu de cara com Lampião e seu bando. Revirando a bagagem do grupo, um cangaceiro encontrou uma Kodak e entregou ao chefe, que perguntou a quem ela pertencia. Apavorado, um deles levantou o dedo. “Quero que o senhor tire o meu retrato”, disparou o “rei do cangaço”, pondo-se a posar. O homem, esforçando-se, bateu uma chapa, mas avisou: “Capitão, esta posição não está boa”. Dando um salto e caindo de pé, Lampião perguntou: “E esta? Está melhor?” Outra foto foi feita. Quando libertava os turistas, após pilhá-los, o “fotógrafo” de ocasião indagou-lhe como podia enviar as imagens. “Não é preciso. Mande publicar nos jornais”, disse o cangaceiro.

Carlos Haag, **Pesquisa FAPESP**.

- a) No texto, as aspas em “rei do cangaço” e “fotógrafo” foram empregadas pelo mesmo motivo? Justifique sua resposta.
- b) Os trechos abaixo encontram-se em discurso indireto e discurso direto, respectivamente. Transforme em discurso direto o primeiro trecho e, em discurso indireto, o segundo.
- I. (...) *um cangaceiro encontrou uma Kodak e entregou ao chefe, que perguntou a quem ela pertencia.*
- II. *“Quero que o senhor tire o meu retrato”, disparou o “rei do cangaço” (...).*

Resolução

- a) *Aspas indicam, em geral, que se trata de discurso citado, ou seja, que o autor do texto não é responsável pela expressão aspeada. Há, porém, diferença entre o que as aspas sinalizam nos dois casos em questão. Em “rei do cangaço”, elas se devem ao fato de a expressão ser um lugar-comum, o epíteto popularmente associado à personagem; em “fotógrafo”, elas se justificam pelo fato de a expressão aspeada não ser adequada, pois o turista não era propriamente fotógrafo, mas tinha sido convertido em tal pelo cangaceiro ou pela situação.*
- b) I. ... *um cangaceiro encontrou uma kodak e entregou ao chefe, que perguntou:*
 – *A quem ela pertence?*
- II. *O “rei do cangaço” disparou (disse) que queria que o homem tirasse o seu retrato.*

O autoclismo da retrete

RIO DE JANEIRO – Em 1973, fui trabalhar numa revista brasileira editada em Lisboa. Logo no primeiro dia, tive uma amostra das deliciosas diferenças que nos separavam, a nós e aos portugueses, em matéria de língua. Houve um problema no banheiro da redação e eu disse à secretária: “Isabel, por favor, chame o bombeiro para consertar a descarga da privada.” Isabel franziu a testa e só entendeu as quatro primeiras palavras. Pelo visto, eu estava lhe pedindo que chamasse a Banda do Corpo de Bombeiros para dar um concerto particular de marchas e dobrados na redação. Por sorte, um colega brasileiro, em Lisboa havia algum tempo e já escolado nos meandros da língua, traduziu o recado: “Isabel, chame o canalizador para reparar o autoclismo da retrete.” E só então o belo rosto de Isabel se iluminou.

Ruy Castro, **Folha de S. Paulo**.

- a) Em São Paulo, entende-se por “encanador” o que no Rio de Janeiro se entende por “bombeiro” e, em Lisboa, por “canalizador”. Isto permitiria afirmar que, em algum desses lugares, ocorre um uso equivocado da língua portuguesa? Justifique sua resposta.
- b) Uma reforma que viesse a uniformizar a ortografia da língua portuguesa em todos os países que a utilizam evitaria o problema de comunicação ocorrido entre o jornalista e a secretária. Você concorda com essa afirmação? Justifique.

Resolução

- a) Não se trata de equívoco, mas de variações ou diferenças entre os dialetos do português falados em Portugal e nas cidades brasileiras mencionadas. No caso, as diferenças são lexicais, ou seja, dizem respeito ao vocabulário empregado e às variações regionais no sentido das palavras.
- b) Não, pois a uniformização ortográfica não afeta as diferenças lexicais, que dizem respeito ao emprego do vocabulário e ao sentido das palavras.

Para Pirandello, o cômico nasce de uma “percepção do contrário”, como no famoso exemplo de uma velha já decrépita que se cobre de maquiagem, veste-se como uma moça e pinta os cabelos. Ao se perceber que aquela senhora velha é o oposto do que uma respeitável velha senhora deveria ser, produz-se o riso, que nasce da ruptura das expectativas, mas sobretudo do sentimento de superioridade. A “percepção do contrário” pode, porém, transformar-se num “sentimento do contrário” — quando aquele que ri procura entender as razões pelas quais a velha se mascara, na ilusão de reconquistar a juventude perdida. Nesse passo, a velha da anedota não mais está distante do sujeito que percebe, porque este pensa que também poderia estar no lugar da velha — e seu riso se mistura com a compreensão piedosa e se transforma num sorriso. Para passar da atitude cômica para a atitude humorística, é preciso renunciar ao distanciamento e ao sentimento de superioridade.

Adaptado de Elias Thomé Saliba, **Raízes do riso**.

- Considerando o que o texto conceitua, explique brevemente qual a diferença essencial entre a “percepção do contrário” e o “sentimento do contrário”.
- “Ao se perceber que aquela senhora velha é o oposto do que uma respeitável velha senhora deveria ser, produz-se o riso (...)”.

Sem prejuízo para o sentido do trecho acima, reescreva-o, substituindo se perceber e produz-se por formas verbais cujo sujeito seja **nós** e é o oposto por não corresponde. Faça as adaptações necessárias.

Resolução

- A diferença essencial entre “percepção do contrário” e “sentimento do contrário” é que a primeira expressão sugere a idéia de distanciamento e superioridade do observador da cena cômica, e a segunda remete à identificação e à compaixão do observador, que geram humor e não propriamente comicidade.
- Ao percebermos que aquela senhora velha não corresponde ao que uma respeitável velha senhora deveria ser, produzimos o riso.

I. *Não deis aos cães o que é santo, nem atireis aos porcos as vossas pérolas (...).*

(Mateus, 7:6)

II. *Você pode atirar pérolas aos porcos. Mas não adianta nada atirar pérolas aos gatos, aos cães ou às galinhas porque isso não tem nenhum significado estabelecido.*

Millôr Fernandes, **Millôr definitivo: a bíblia do caos.**

- a) Considerando-se que o texto II tem como referência o texto I, qual é a expressão que, de acordo com Millôr Fernandes, tem um “*significado estabelecido*”?
- b) No texto I, os significados dos segmentos “*não deis aos cães o que é santo*” e “*nem atireis aos porcos as vossas pérolas*” reforçam-se mutuamente ou se contradizem? Justifique sucintamente sua resposta.

Resolução

- a) *Millôr Fernandes refere-se à expressão proverbial “atirar pérolas aos porcos”, utilizada correntemente no sentido de “desperdiçar esforços com quem não é digno deles ou não é capaz de se beneficiar com eles”.*
- b) *As duas injunções negativas se reforçam mutuamente, pois ambas significam que não se deve destinar um bem valioso a quem não é digno dele ou não tem condições de o apreciar.*

Considere os dois trechos de Machado de Assis relacionados a **Iracema**, publicados na época em que apareceu esse romance de Alencar, e responda ao que se pede.

- a) *A poesia americana está completamente nobilitada; os maus poetas já não podem conseguir o descrédito desse movimento, que venceu com o autor de “I - Juca Pirama”, e acaba de vencer com o autor de Iracema.*

Adaptado de Machado de Assis, **Crítica literária**.

Machado de Assis refere-se, nesse trecho, a um movimento literário chamado, na época, de “poesia americana” ou “escola americana”. Sob que outro nome veio a ser conhecido esse movimento? Quais eram seus principais objetivos?

- b) *Tudo em Iracema nos parece primitivo; a ingenuidade dos sentimentos, o pitoresco da linguagem, tudo, até a parte narrativa do livro, que nem parece obra de um poeta moderno, mas uma história de bardo* indígena, contada aos irmãos, à porta da cabana, aos últimos raios do sol que se entristece.*

Adaptado de Machado de Assis, **Crítica literária**.

*bardo: poeta heróico, entre os celtas e gálios; por extensão, qualquer poeta, trovador etc.

No trecho, Machado de Assis afirma que a narração de **Iracema** não parece ter sido feita por um “poeta moderno”, mas, sim, por um “bardo indígena”. Essa afirmação se justifica? Explique sucintamente.

Resolução

- a) *Machado de Assis se refere ao Indianismo, tendência romântica brasileira cujo objetivo central era nobilitar o passado nacional, associando-o a mitos heróicos elaborados por meio da idealização dos indígenas e de sua cultura, assimilados a padrões europeus de excelência física e moral.*
- b) *A afirmação é pertinente, pois o estilo de Iracema procura incorporar a linguagem e a cosmovisão indígena. A tentativa de simular a cosmovisão indígena é visível, por exemplo, na marcação temporal, que toma como parâmetro os ciclos da natureza. A apropriação da linguagem aborígine ocorre nos nomes próprios, nas aglutinações lexicais, nas perífrases e nas comparações com elementos da natureza.*

*Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta* das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele-próprio.*

Alberto Caeiro, **Poesia**.

*Argonauta: tripulante lendário da nau mitológica Argo; por extensão, navegador ousado.

Nos versos acima, Alberto Caeiro define-se a si mesmo de um modo que tanto indica sua semelhança como sua diferença em relação a um tipo de personagem de grande importância na História de Portugal.

- Em sua definição de si mesmo, a que tipo de personagem da História portuguesa assemelha-se o poeta? Explique brevemente.
- Considerados no contexto geral da poesia de Alberto Caeiro, que diferença esses versos assinalam entre o poeta e o referido tipo de personagem histórica de Portugal? Explique sucintamente.

Resolução

- Em sua autodefinição, Caeiro compara-se aos navegantes que participaram da Expansão Marítima Portuguesa, já que tanto estes como ele realizaram uma tarefa ousada, que levou à descoberta de um novo mundo.*
- Caeiro é o heterônimo pessoano que prega a apreensão imediata, direta e objetiva da realidade que nos circunda, sem o racionalismo e a metafísica que, segundo ele, fizeram adoecer a nossa civilização. Sua descoberta, portanto, não é de um novo território, como ocorrera com os navegantes portugueses, mas de uma nova relação com a realidade, uma nova forma de conhecimento e de entendimento do mundo.*

— *Você janta comigo, Escobar?*

— *Vim para isto mesmo.*

Minha mãe agradeceu-lhe a amizade que me tinha, e ele respondeu com muita polidez, ainda que um tanto atado, como se carecesse de palavra pronta. (...)

Todos ficaram gostando dele. Eu estava tão contente como se Escobar fosse invenção minha. José Dias desfechou-lhe dois superlativos, tio Cosme dois capotes, e prima Justina não achou tacha que lhe pôr; depois, sim, no segundo ou terceiro domingo, veio ela confessar-nos que o meu amigo Escobar era um tanto metedido e tinha uns olhos policiais a que não escapava nada.

— *São os olhos dele, expliquei.*

— *Nem eu digo que sejam de outro.*

— *São olhos refletidos, opinou tio Cosme.*

— *Seguramente, acudiu José Dias, entretanto, pode ser que a senhora D. Justina tenha alguma razão. A verdade é que uma coisa não impede outra, e a reflexão casa-se muito bem à curiosidade natural. Parece curioso, isso parece, mas...*

— *A mim parece-me um mocinho muito sério, disse minha mãe.*

— *Justamente! confirmou José Dias para não discordar dela.*

Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário. Agradeceu, dizendo que eram bondades, e elogiou também minha mãe, senhora grave, distinta e moça, muito moça... Que idade teria?

Machado de Assis, **Dom Casmurro**.

a) Um crítico afirma que, “examinada em suas relações, a população de **Dom Casmurro** compõe uma *parentela*, uma dessas grandes moléculas sociais do Brasil tradicional, no centro da qual está um proprietário mais considerável, cercado de figuras que podem incluir, entre outros, um ou mais agregados, vizinhos com obrigações, comensais, parentes pobres em graus diversos, conhecidos que aspiram à proteção (...)” (Adaptado de Roberto Schwarz, **Duas meninas**.)

Identifique o papel que cada uma das personagens que aparecem no trecho de **Dom Casmurro** desempenha na composição da referida “*parentela*”.

(**Observação:** os nomes das personagens encontram-se reproduzidos na página de respostas).

b) Na conversação apresentada no trecho, as falas de José Dias refletem a posição social que ele ocupa nessa “*parentela*”? Justifique sua resposta.

Resolução

a) Escobar: *representa a categoria dos “conhecidos que aspiram à proteção (...)”*. O fragmento deixa patente

a intenção da personagem de agradar e bajular o amigo que fez no seminário e, especialmente, sua mãe: “... disse... que me estimava pelas minhas boas qualidades e aprimorada educação... Insistia ‘na doce e rara mãe’ que o céu me deu...”

D. Glória (mãe de Bentinho): representa o que Roberto Schwarz denomina o centro da parentela, o “proprietário mais considerável”. Era uma viúva rica, cujo patrimônio provinha de rendimentos das propriedades e de escravos, arrendados ou alugados. Na visão do crítico, D. Glória compõe, com o círculo de parentes, agregados e dependentes em diversos graus, um microcosmo de sociedade brasileira no Segundo Reinado.

José Dias: é o agregado, figura característica da estrutura patriarcal. É o homem que, não sendo escravo nem empregado, não era também parente, mas vivia sob a proteção do “senhor”, ao qual devia obediência e favores, retribuídos com trabalhos diversos e uma subserviência constante. Personagem das mais interessantes da galeria machadiana, é o “homem dos superlativos”, que “sabia opinar, obedecendo” e que foi agregado à família pelo falecido pai de Bentinho, a quem se apresentou como “médico homeopata”, atribuindo a si mesmo algumas curas. Vivendo desde então com a família, faz da esperteza, da dissimulação, da perspicácia na observação das relações de poder e conveniência, uma forma de sobreviver, da maneira mais favorável, num meio ao qual não pertence propriamente.

Tio Cosme: é, também viúvo, o parente que se coloca sob o teto e a proteção da matriarca.

Prima Justina: representa uma situação semelhante à de tio Cosme, e cabe observar que a agregação de ambos à estrutura familiar de Dona Glória prende-se à convenção de que, viúva, a matriarca não deveria viver sob o mesmo teto com um homem solteiro, o agregado José Dias. Assim, convocados a se abrigarem sob a proteção da viúva Santiago, serviam como “biombo”, que preservava o decoro e as aparências.

- b) “— Justamente! — confirmou José Dias para não discordar dela” e “— Seguramente — acudiu José Dias —; entretanto, pode ser que a senhora Dona Justina tenha alguma razão.”

Essas duas intervenções do agregado são exemplares de sua posição subserviente e sua habilidade em “opinar obedecendo.”

No primeiro instante, parece dar razão à Prima Justina, que identifica o caráter “um tanto metedizo” e os “olhos policiais” de Escobar. No instante seguinte, contradiz-se, e concorda também com D. Glória, a quem Escobar parecia “um mocinho muito sério”.

Em seu poema chamado “Graciliano Ramos:”, João Cabral de Melo Neto coloca-se no lugar desse escritor e desenvolve quatro afirmações:

- I. “Falo somente com o que falo:” (= com os meios que uso para expressar-me, com o estilo que emprego).
- II. “Falo somente do que falo:” (= dos assuntos de que trato, dos aspectos que privilegio).
- III. “Falo somente por quem falo:” (= em nome de quem falo, a quem dou voz em minha obra).
- IV. “Falo somente para quem falo:” (= a quem me dirijo ao escrever, de que modo trato o leitor).

Imitando o procedimento de João Cabral, coloque-se no lugar de Graciliano Ramos e desenvolva cada uma dessas quatro afirmações, tendo como referência o romance **Vidas secas**.

(Observação: As quatro afirmações a serem desenvolvidas encontram-se reproduzidas na página de respostas).

Resolução

- I. “Falo somente com o que falo”, *ou seja com concisão, economia vocabular, recorrendo a estruturas fragmentárias, períodos curtos, próximos da técnica cinematográfica, com exibição das mesmas imagens, focalizadas sob ângulos diversos (Estes recursos compõem, em Vidas Secas, uma poética da secura, da carência e da opressão, que expressa tanto a aridez do sertão nordestino, como a visão fragmentária e a “mudez introspectiva”, a “afasia simbólica”, em que vivem os retirantes, aprisionados também pela incapacidade de comunicação verbal).*
- II. “Falo somente do que falo”, *ou seja, da realidade social e psicológica do sertanejo, oprimido pela inclemência do meio geográfico e pela sociedade excludente, desigual, injusta e arcaica.*
- III. “Falo somente por quem falo”, *ou seja, dou voz aos “videntes”, para fazê-los “falar” exibindo as seqüelas sociais e psicológicas da violência, com a intenção de harmonizar a objetividade da crítica do narrador onisciente com a sua capacidade de, prismaticamente, traduzir pelo discurso indireto livre os conflitos, as angústias e os sonhos dos retirantes, homens e animais, captados em sua interioridade dolorosa e problemática.*
- IV. “Falo somente para quem falo”, *com o desejo de mobilizar o leitor, de levá-lo à consciência e desta à ação transformadora em relação à realidade que retrato e denuncio.*

REDAÇÃO

Vigilância epistêmica é a preocupação que todos nós deveríamos ter com relação a tudo o que lemos, ouvimos e aprendemos de outros seres humanos, para não sermos enganados, para não acreditarmos em tudo o que é escrito e dito por aí. É preciso vigiar o futuro para sabermos separar o joio do trigo**.*

Hoje boa parte dos sites de busca indexam tudo o que encontram pela frente à internet, mesmo que se trate de uma grande bobagem ou de evidente inverdade. Qualquer opinião emitida, vista como um direito de todos, é divulgada aos quatro cantos do mundo. De fato, alguns desses sites de busca deveriam colocar, nos primeiros lugares, páginas de renomadas Universidades, preocupadas com a verdade.

Todos precisamos estar muito atentos a dois aspectos com relação a tudo o que ouvimos e lemos:

- se quem nos fala ou escreve conhece a fundo o assunto, se é um especialista comprovado, se sabe do que está falando;*
- se quem nos fala ou escreve, na verdade, é um idiota que ouviu falar algo e simplesmente repassa, aos outros, o que leu e ouviu, sem acrescentar absolutamente nada de útil.*

Aumentar nossa vigilância e preocupação com a verdade é necessidade cada vez mais premente num tempo que todos os gurus chamam de Era da Informação.

Discordo, profundamente, desses gurus. Estamos, na realidade, na Era da Desinformação, de tanto lixo e ruído sem significado que, na maior parte das vezes, nos são transmitidos, todos os dias, eletronicamente, sem que exista o menor cuidado com a precisão e seriedade do que se emite, por parte das fontes que colocam matérias na rede. É mais uma consequência dessa idéia que a maioria das pessoas tem sobre a liberdade de expressar o que bem quiser, de expressar qualquer opinião que seja, como se opiniões não precisassem se basear no rigor científico, antes de serem emitidas.

Stephen Kanitz, **Revista Veja**, 03/10/2007. Adaptado.

* **Vigilância epistêmica** = capacidade de ficar atento e perceber se uma afirmação tem ou não valor científico.

** **Separar o joio do trigo** = no contexto, capacidade de diferenciar observações equivocadas, mentiras mesmo, de outras afirmações que contêm verdades.



HISTÓRIA – D. Pedro II em viagem: fotografia na web

Países se unem em projeto da ONU

Tesouros informativos de vários países estarão disponíveis gratuitamente para qualquer internauta, a partir deste mês, com a formação da Biblioteca Digital Mundial, uma iniciativa da ONU. O portal terá, na primeira fase, mapas, fotografias e manuscritos, com textos explicativos em sete línguas, inclusive português. Na segunda fase, será possível consultar livros.

A Biblioteca Nacional brasileira é uma das participantes.

O Estado de S. Paulo, 02/10/2007. Adaptado.

O acesso à Informação (em sua maioria, eletrônica) se tornou o direito humano mais zelosamente defendido. E aquilo sobre o que a informação mais informa é a fluidez do mundo habitado e a flexibilidade dos habitantes. O noticiário – essa parte da informação eletrônica que tem maior chance de ser confundida com a verdadeira representação do mundo lá fora é dos mais precívalos bens da eletrônica. Mas a precibilidade dos noticiários, como informação sobre o mundo real, é em si mesma uma importante informação: a transmissão das notícias é a celebração constante e diariamente repetida da enorme velocidade da mudança, do acelerado envelhecimento e da perpetuidade dos novos começos.

Zygmunt Bauman. **Modernidade Líquida**. Adaptado.

Instrução: Os textos apresentados trazem reflexões e notícias sobre o mundo digital. Com base nesses textos e em outras informações e idéias que julgar pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo claro e coerente.

Comentário à proposta de Redação

Nunca se produziu, como hoje, tanta informação, fenômeno impulsionado pelo advento da internet. Com base nessa constatação, a Fuvest propôs ao candidato que, valendo-se de três textos oferecidos como subsídio à sua produção, redigisse uma dissertação analisando tal fenômeno.

O primeiro texto alerta contra a tendência crescente de aceitar como verdadeira toda e qualquer informação disponível, sobretudo na internet. Para evitar que as pessoas continuem a ser vitimadas pela falsa informação, recomenda-se a “vigilância epistêmica” – definida como “capacidade de ficar atento e perceber se uma afirmação tem ou não valor científico”. O segundo texto traz uma notícia digna de nota: a Unesco anunciou, em outubro último, a criação da Biblioteca Digital Mundial, que contará com “tesouros” (livros, mapas, fotografias e manuscritos) em várias línguas, inclusive na Língua Portuguesa. No terceiro texto, fragmento adaptado da obra Modernidade Líquida, do sociólogo Zygmunt Bauman, trata da “percebibilidade” do rio informativo que nos cerca.

Após refletir sobre as idéias contidas nesses textos, o candidato deveria adotar um posicionamento em relação à questão. Caberia, por exemplo, destacar os aspectos positivos da expansão da informação e sua conseqüente democratização, sem contudo deixar de observar os riscos decorrentes dessas mesmas vantagens.